

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXIV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1985

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657\\_24\\_16](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_24_16)  
ISSN: 0084-9189

PATRICK LE ROUX, <sup>L'</sup>*Armée Romaine et* <sup>L'</sup>*Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste à l'Invasion de 409*. Publications du Centre Pierre Paris, n.º 8. Collection de la Maison des Pays Ibériques, n.º 9. Diffusion De Boccard, Paris, 1982. 493 p.-j-5 fig.-|16 estampas. [ISBN 2-7018-0002-1].

Não é, exactamente, a história militar do exército *hispanus*, nem sequer o pretexto para nos embrenharmos na história da romanização da Península: a obra analisa, de modo original, o conteúdo político-administrativo dum exército provincial romano que constitui, em muitos aspectos, um cadinho de experiências, reflexo e actor das transformações suas contemporâneas. Fator primordial da «hispanização» da Península Ibérica, como lhe chama Patrick Le Roux — ou, por outras palavras, da consciencialização da Hispânia como um todo, nacional mas sem veleidades autonómicas —, o exército hispânico é minuciosamente observado como elemento funcional de uma

*Conimbriga*, 24 (1985), 237-242

orientação política que provém das contradições e das condições dum poder central mas que se tempera no contacto íntimo com os condicionalismos próprios duma região sem guerra e sem soldados que na guerra se tornem gloriosos.

Não vamos, pois, encontrar no livro de Le Roux o esmiuçar longo e complexo das campanhas e marchas militares, das batalhas e seu rol de mortos; também não teremos aí o pólo oposto, no acentuar exclusivo duma «dinamização cultural» aqui deveras controversa. A temática situa-se exactamente no meio-termo, como, aliás, o próprio título deixa antever: história militar, sim, sem dúvida, mas interpretada à luz duma política administrativa que, de facto, unicamente a pode explicar. E o nosso voto é, desde já, que outros «exércitos provinciais» recebam, à luz desta pesquisa exemplar, um tratamento igual para que, duma vez por todas, se deixem de parte as generalidades e se tracem, com segurança, as linhas de uma investigação criadora haurida no caldear de todas as fontes disponíveis: literárias, arqueológicas, numismáticas e, sobretudo, epigráficas.

Se um defeito se pode apontar ao trabalho de P. Le Roux é o da sua vastidão e pormenor — a exigir, compactamente, uma concentração total do seu leitor. Porque *L'Armée Romaine*... não é, apenas, a história da ocupação romana peninsular, vista do prisma do seu exército, que de seguida se lê; é, fundamentalmente, a análise pormenorizada e perspicaz de todos os dados, designadamente os epigráficos e literários, num constante dialogar com os estudos já feitos, as interpretações apontadas, as desatenções cometidas. Nada é aceite *a priori* — daí o acumular das notas e das explicações. Também não há um ponto de partida ao qual a argumentação cegamente se submeta: a sua ideia de que o exército romano da Hispânia foi um elemento activo das forças provinciais, «criador de uma estrutura cuja dinâmica se reflectia tanto na organização romana como na sociedade provincial» (p. 408), impõe-se pouco a pouco ao longo da obra, é o corolário lógico de exaustiva documentação compulsada.

Como escreve R. Étienne, no prefácio, o livro marca o começo de uma «nova história militar das províncias romanas». A prosseguir.

Depois de uma primeira introdução, em que aponta os dados da questão e as fontes para a sua abordagem, P. Le Roux estuda, no livro I, o nascimento do exército permanente, atribuindo nesse sentido às tropas acantonadas na Península — desprovidas, verdadeiramente, de um objectivo bélico preciso depois de completada a conquista — um papel experimental do maior interesse (cap. II) que levaria Vespasiano a fazer de Hispânia uma «província estratégica» (p. 157-160), que englobava a Bretanha, as Germânicas, as Gálias e as Mauritânicas; assim se evitava o isolamento dos exércitos e «se introduzia um novo equilíbrio de forças, susceptível de limitar as revoltas» (p. 161) como as que a crise de 68-69 vira surgir. Aliás, é de realçar a interpretação dada por Le Roux ao «segredo do Império» referido por Tácito (*Hist.* I, 4,2) a propósito da proclamação de Galba: tal segredo desvendado nada mais era do que a necessidade de criar um elo de transição entre o exército de cidadãos (da República) e o exército profissional (que se perfilava

no horizonte); e esse elo era o exército provincial, que reunia em si as características de um e de outro (p. 140).

Constitui o livro II um olhar fundo para o interior deste *exercitus hispanus*, na sua roupagem pioneira de «exército da paz». Primeiro, os soldados: o catálogo epigráfico de 272 números, alinhado cronologicamente e comentado; as características e condições do serviço, o recrutamento (p. 171-290). Depois (p. 291-318), os centuriões e oficiais — ilustrados através de quadros sinópticos cuja paginação nem sempre foi fácil (p. 292 a 295, por exemplo). Finalmente (p. 319-356), um terceiro capítulo, que tem muito de original (devido sobretudo à utilização da onomástica), em que, através de cuidada leitura dos dados epigráficos, se procuram detectar os elementos susceptíveis de integrar o soldado na sociedade civil donde procede e onde, como veterano, novamente se vai inserir. E a análise contribui para esbater consideravelmente a ideia, que se julgava assente, de que o veterano constituiu forte elemento romanizador (os dados não o sugerem), assim como se confirma a tese de F. Vittinghoff, segundo a qual o nascimento de um município junto a um acampamento se prende, geralmente, menos com o desenvolvimento dos *canabae* do que com a presença próxima dum *vicus* indígena (p. 347).

Abarcando o período que vai desde 250 à invasão dos Vândalos, no Outono de 409, o livro III aborda, entre outros pontos, a questão da divisão administrativa empreendida por Garacala e por Diocleciano, a polémica acerca do (inexistente) *limes hispanicus*, para concluir sobre a imobilidade, o isolamento de um exército que, a largos passos, caminha para a «fossilização» (p. 400), porque já desprovido de conteúdo militar, porque os seus legionários se encontram «prisioneiros da rotina e das ordens» (p. 401).

História para ler e meditar, esta *Varmée romaine...* de Patrick Le Roux é, também, um importante volume a consultar assiduamente, tão vasta e tão variada é a problemática que aborda. Daí que tenha pleno cabimento uma palavra de aplauso não somente para a extensa bibliografia citada como também, e sobretudo, para os completos e bem elaborados índices que a complementam (p. 437-485): de fontes, onomástico (nomes individuais, gentílicos, cognomes, divindades, imperadores e *imperatores*), geográfico e etnográfico, de assuntos. Mapas, plantas e fotografias ilustram, por fim, uma obra ímpar e a todos os títulos meritória.

Terminou P. Le Roux em 1979 a investigação que daria corpo a este trabalho. E se, de facto, ainda pôde incluir alguns dados surgidos depois, susceptíveis de enriquecerem o já bem nutrido catálogo, outros, porém, já não puderam entrar ou passaram despercebidos: estamos a recordar, por exemplo, a referência a *Cornelius Bocchus*, tribuno da III Legião Augusta (CIL II 5184), um veterano da XXII Legião Primigénia Pia Fiel (ILER 6387), o legado da mesma legião *L. Marius Vegetinus Marcianus Minicianus Myrtilianus* (CIL VI 1455 e 1456) que J.-N. Bonneville (MCV XVIII 1982 p. 19) dá como originário de Mértola. No entanto, por muitos outros testemunhos que ainda surjam, eles não vão decerto alterar o vigoroso quadro gizado.

JOSE D'ENCARNAÇÃO